

PATRIMÓNIO ESQUECIDO / O RECUPERAR DA MEMÓRIA

(<http://www.apha.pt/boletim>) **Novembro, November 2004**

Apresentação

A presença actual dos interesses sobre o Património é um facto inequívoco na sociedade contemporânea portuguesa, o que se espelha nos congressos, conferências, debates ou exposições realizados sobre o assunto e que vão tendo lugar um pouco por todo o país. Esta miríade de eventos públicos (por vezes mais ruidosos do que substanciais) é ainda acompanhada por um notável esforço na formação de especialistas e técnicos o que, se consabido, às vezes acontece de modo mais ou menos subterrâneo. Uma pesquisa promovida por este Boletim sobre o surto de novas licenciaturas e pós-graduações, nesta ou noutras áreas que lhe são tangenciais, pretende exprimi-lo com clareza, mesmo se tais dados se ofereçam à margem de qualquer nota escrita, sem mais considerações que aquelas que procuramos suscitar ao colega ou leitor [vide, **Anexos / O Património no Ensino Superior**].

Note-se que esta multiplicidade, se garante o entusiasmo que a matéria suscita a vários tempos, também alerta para as deficiências, ainda grandes, de um campo novo de reflexão onde o número de agentes é cada vez maior. Certo é que este interesse merece reflexões alargadas em extensão e profundidade, desde as motivações que estão na sua origem, às suas repercussões na cidade em que vivemos todos os dias, passando pelas acções intermédias que nos possibilitam fruir a nossa herança material ou intangível. Sem um pensamento forte e estruturante sobre o Património, corremos o risco de perdê-lo em decisões de gabinete, tomadas ao sabor de diferentes modas e convenções, tanto nos planos político-tutelares como nos deontológicos, ligados ao Restauro e à dinamização cultural dos bens patrimoniais. Ou ainda (o que não será menos grave) de dissolvê-lo em reflexões estéreis, porque confinadas ao espaço puramente académico. Por tudo isso, e porque se sente a falta de um pensamento abrangente e aglutinador das diversas dimensões do Património que perpassasse os discursos e as acções que sobre ele incidem, o *@pha.Boletim* resolveu dar voz àqueles que o usam como matéria prima no seu trabalho intelectual ou prático.

Esta foi uma das razões pelas quais a edição do número 2 do Boletim, que deveria ser semestral, apenas agora sai à luz. Ao fazer coincidir o seu lançamento com a realização do *III Congresso internacional da APHA – Portugal: Encruzilhada de Culturas, Artes e Sensibilidades*, objectivou-se torná-lo

subsidiário de uma das suas principais linhas temáticas, a qual visa equacionar as possíveis novas políticas do Património nas suas vertentes da formação, conservação e mercado de trabalho.

Posto isto, não surpreenderá que, ao contrário do que sucedeu no anterior Boletim, as contribuições presentes neste número se confinem (e só por esta vez) à realidade portuguesa. Nem que, tal como aquele, o *@pha.Boletim 2* se reafirme aberto a saberes multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares, sem que estes sejam tomados como meras próteses daqueles que a História da Arte é capaz de fornecer enquanto disciplina autónoma. Ao estreitar-se o diálogo aberto entre teorias e práticas, sondagens históricas e propostas artísticas no espaço do *@pha.Boletim*, está-se igualmente a sublinhar uma linha metodológica, que desta vez entende que o discurso sobre o Património deva ser global no pensamento e globalizante na inclusão dos seus diversos agentes.

Assim talhado o presente número, o *@pha.Boletim* lançou o repto aos seus colaboradores e ficou à espera de ver que contribuições chegariam à sua Redacção sob a bandeira do tema "Património". Os resultados desse repto - que aqui temos a grata tarefa de apresentar - exprimem, também eles, o verdadeiro estado das coisas. A dispersão temática dos textos recebidos pela equipa redactorial são prova daquela falha estruturante de que vimos acusando a ausência. Revelam porém, acima de tudo, uma ânsia na restituição dos "patrimónios" esquecidos à memória colectiva, quer pelo seu estudo sistemático como pela reposição da sua fruição pública, física ou virtual. Este resultado, se grato ao *@pha.Boletim* - que sempre pretenderá seguir a vocação da História da Arte na mediação da Memória -, serve para nos colocar em alerta sobre os riscos da estanquidade de saberes.

Com tais resultados, o Boletim proporcionou-se organizado em torno de duas áreas sub-temáticas complementares. A primeira é reveladora desta sofreguidão em **(Re)Descobrir Patrimónios**. Os contributos textuais dizem respeito a testemunhos de todas as épocas e de várias localizações geográficas do país, correndo da análise dos testemunhos literários aos arquitectónicos, passando pelos intangíveis das tertúlias nos cafés portuenses ou do pensamento mágico-simbólico das siglas medievais.

A segunda área sub-temática, porventura a de maior abertura disciplinar, oferece uma pequeníssima amostra daquilo que é hoje possível fazer-se, pela confluência de saberes distintos, mas complementares, para **Perdurar a Lembrança**. Aqui, o colega ou leitor é confrontado com a visão particular de diversos agentes sobre os vestígios (i)materiais empenhados em acções para reter essas memórias na sua fisicidade.

Fica aqui expressa a nossa especial gratidão para com todos aqueles que colaboraram neste número e que, com paciência infinda e espírito de compromisso, esperaram pelo momento justo, várias vezes adiado, de ver o resultado honesto do seu trabalho nas páginas virtuais do ciberespaço.

Antes de terminar, e como não poderia deixar de acontecer, agradeço às estruturas que proporcionaram a elaboração de mais um número do *@pha.Boletim*, proporcionando-nos meios e espaços de acolhimento: à *Associação Portuguesa de Historiadores da Arte* e à *Galeria do Palácio*.

Susana Matos Abreu
Coordenadora Científica